

PSICOLOGIA & SOCIEDADE

Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia

Social

Brasil

Nicolaci-da-Costa, Ana Maria

Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo

Psicologia & Sociedade, vol. 17, núm. 2, mayo-agosto, 2005, pp. 50-57

Associação Brasileira de Psicologia Social

Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309323899008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

SOCIABILIDADE VIRTUAL: SEPARANDO O JOIO DO TRIGO

Ana Maria Nicolaci-da-Costa
Departamento de Psicologia PUC-Rio

RESUMO: Desde a difusão da Internet, em meados da década de 1990, a sociabilidade virtual vem gerando muita discussão. Em contraste com os contatos entre conhecidos possibilitados pela telefonia fixa, os ambientes coletivos de interação da Internet fizeram emergir os contatos travados e mantidos exclusivamente online. Naqueles primeiros tempos, esses relacionamentos virtuais foram duramente criticados. Nos dias atuais, vemos que os relacionamentos mediados pelas novas redes de telecomunicação (Internet e telefonia celular) continuam gerando reações negativas radicais. O objetivo do presente artigo é mostrar o quanto essas reações são infundadas e, deste modo, combater sua difusão. Para tanto, toma o recente trabalho de um renomado sociólogo – Zygmunt Bauman – como exemplar desse tipo de visão e a ele contrapõe inúmeros resultados de pesquisa internacionais e nacionais. Tal procedimento permite apresentar uma visão alternativa de diferentes tipos de interação e relacionamento virtuais gerados por diferentes tecnologias.

Palavras-chave: relacionamentos virtuais, Internet, celulares, Zygmunt Bauman

VIRTUAL SOCIALITY: SEPARATING THE TARES FROM THE WHEAT

ABSTRACT: Since the early days of Internet diffusion, in the mid 1990's, virtual sociability has been raising a great discussion. In contrast to the contacts between acquaintances made possible by landline telephony, Internet collective interaction environments generated the possibility of meeting people and making friends exclusively online. In those early days, these virtual relationships were strongly criticized. Nowadays, we realize that the relationships mediated by the new telecommunication networks (Internet and cellular telephony) still provoke radical negative reactions. The present paper aims at restraining or at least decelerating the diffusion of such reactions. For this purpose, it takes the recent work of a renowned sociologist - Zygmunt Bauman - as an example of this kind of view and confronts it with various results from national and international research. Such procedure allows for the presentation of an alternative view of different types of virtual interaction and virtual relationships made possible by different technologies.

Key-words: virtual relationships, Internet, cell phones, Zygmunt Bauman.

A Internet e a telefonia celular são redes de telecomunicação interativa que têm muitos aspectos em comum. Dentre eles, ao menos dois merecem destaque. Primeiramente, ambas resultam da convergência de várias tecnologias da informação – a microeletrônica, as telecomunicações, a computação, a optoeletrônica, etc. – que partilham a mesma linguagem digital (Castells, 1996/2000)¹. Em segundo lugar, ambas são multifuncionais na medida em que por elas podem circular diferentes tipos de mensagem – textos, fotos, gravações em áudio ou vídeo, filmes e congêneres – transformados em seqüências de uns e zeros passíveis de serem transmitidas por cabos, fibras óticas, satélites, etc.

Apesar desses aspectos tecnológicos comuns, desde os momentos iniciais de sua difusão, em meados da década de 1990, a Internet e os celulares vêm gerando diferentes reações. Enquanto a penetração

social dos celulares se deu suavemente porque a telefonia celular foi percebida como uma continuidade da telefonia fixa, a Internet gerou – e ainda gera – muita comoção porque foi percebida como um fator de ruptura com as formas tradicionais de trabalharmos, vivermos, nos relacionarmos uns com os outros e muito mais. (Castells, 1996/2000; Lévy, 1990/1993; Nicolaci-da-Costa, 1998).

PRIMEIROS MOMENTOS DA DIFUSÃO DA INTERNET: O MEDO DA DESTRUIÇÃO

Castells (2000/2003) relata que, de 1995 a 1997 (ou seja, durante o período de expansão exponencial da Internet ao redor do mundo), participou de uma comissão de especialistas nomeada pela Comunidade Européia, cuja principal tarefa era a de “ver como se poderiam atenuar os efeitos devastadores que a Internet poderia produzir na sociedade, na

política e na cultura" (Castells, 2000/2003, p. 257, minha ênfase). Acrescenta que, então, à sua exceção, todos os 15 membros dessa Comissão tinham uma atitude defensiva diante do que chama de "mitologia" de destruição que cercava a rede mundial de computadores.

Sua argumentação mostra, contudo, que, naqueles primeiros momentos, as transformações sociais, econômicas e políticas estavam sendo relativamente bem absorvidas se comparadas ao altíssimo grau de rejeição que muitos leigos, jornalistas e intelectuais de diversas partes do mundo (Virilio, 1984/1999; Birman, 1997; Kraut et al, 1998; Young, 1998; Sennett, 1998/1999) expressavam no que diz respeito ao uso da Internet para fins de sociabilidade. Tanto é que Castells se refere à sociabilidade via Internet como "o tema mais carregado ideologicamente" (Castells, 2000/2003, p. 272) de sua análise da sociedade em rede porque, desde os primeiros momentos, foi impregnado por crenças de que a Internet aliena, isola, leva à depressão e a outras coisas horríveis.

PASSADA UMA DÉCADA: A SOCIABILIDADE VIRTUAL AINDA GERA FORTES REAÇÕES NEGATIVAS

Reações exacerbadas e tecnofóbicas são compreensíveis, e até previsíveis, nos confusos primeiros momentos de difusão de tecnologias revolucionárias (Nicolaci-da-Costa, 2002b). São, no entanto, difíceis de entender quando persistem ao longo do tempo e contra numerosas evidências em contrário. Este é o caso das reações negativas à sociabilidade virtual, de cuja persistência será, a seguir, oferecido um testemunho exemplar: o da recente análise realizada por Bauman (2003/2004) da "fragilidade dos laços humanos" neste início de milênio.

Este testemunho é o ponto de partida da discussão a ser travada neste artigo, discussão essa que tem como objetivo mostrar o quanto essas reações exclusivamente negativas dos relacionamentos virtuais são infundadas e combater sua difusão. Passemos a ela, começando pelo delineamento da posição que Bauman ocupa no meio intelectual contemporâneo.

Bauman é um sociólogo que conquistou renome internacional em virtude de suas macro-análises, argutas e lúcidas, de importantes aspectos da vida social que foram profundamente transformados pelas redes de telecomunicação digital. Entre elas, destacam-se aquelas que mostram o quanto a vida social pós-moderna é marcada pela extraterritorialidade e fluidez. Algumas das principais manifestações dessas duas características da organização social contemporânea são: o exercício extraterritorial do poder, passível de ser levado a cabo a partir de qualquer lugar; a circulação constante, fácil e rápida do capital e da informação; e o novo tipo de nomadismo instaurado

pela derrubada das fronteiras e barreiras da era moderna (Bauman, 1997/1998; 2000/2001).

Essa inquestionável posição de ponta que Bauman ocupa tem pelo menos duas consequências importantes para a presente discussão. A primeira delas é imediatamente visível: faz com seja grande seu poder de formar opiniões leigas e influenciar pesquisas realizadas por outros investigadores. Já a segunda requer maior explicitação: a notoriedade alcançada pelas suas macro-análises atua como fonte de legitimação de suas micro-análises das interações e relacionamentos interpessoais contemporâneos. Em outras palavras, a reconhecida acuidade das macro-análises de Bauman torna pouco visível (ou crível) o quanto suas micro-análises ainda estão presas à mitologia de devastação característica dos primórdios da Internet.

A percepção apocalíptica que Bauman tem da sociabilidade virtual é, no entanto, claramente revelada em um dos seus últimos livros, *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (2003/2004). Os relacionamentos interpessoais contemporâneos tal como analisados por Bauman em *Amor líquido*

Em *Amor líquido*, Bauman se dedica quase exclusivamente ao escrutínio das interações humanas no novo cenário mundial. Para fazer isso, adota um procedimento bastante diferente daqueles adotados em seus livros anteriores. Enquanto que, em alguns destes – a exemplo de *Modernidade líquida* (2000/2001) –, ele registra as consequências sociais da Internet e de outras tecnologias digitais indiretamente (na qualidade da infra-estrutura necessária para a fluidez e a extraterritorialidade de vários aspectos sociais), em *Amor líquido*, ele registra explicitamente a influência que a lógica de rede implantada pelo uso (para ele, indiferenciado) da Internet e da telefonia celular vem exercendo sobre o que chama de relações virtuais.

Na realidade, neste livro, Bauman vai ainda mais longe. Em uma afirmação radical, diz que "as relações virtuais ... estabelecem o padrão que orienta todos os outros relacionamentos" (Bauman, 2003/2004, p. 13). Ou seja, admite que, de seu ponto de vista, as relações virtuais servem de modelo para os relacionamentos "reais" da era pós-moderna.²

E o que são essas relações virtuais para Bauman?

Antes de tudo, são relações, entre pessoas que não se conhecem fisicamente, travadas e mantidas por meio das redes digitais de telecomunicação interativa: Internet e telefonia celular.

Paradoxalmente, no entanto, essas relações virtuais não são por ele definidas em função de suas características próprias e atuais. Pelo contrário, são definidas, de modo indireto e confuso, por oposição aos relacionamentos "reais" (face a face, olho no olho,

etc.) de uma época (o período moderno) em que as tecnologias digitais sequer existiam. Isso significa dizer que, como veremos a seguir, Bauman tortuosamente define os relacionamentos virtuais – e, por conta da influência destes, também os relacionamentos “reais” pós-modernos – pelo que os relacionamentos “reais” modernos deixaram de ser. Esse tipo de definição tem consequências de monta. Seguem-se algumas.

Bauman vê os relacionamentos “reais” modernos como “sólidos”, “profundos” e “autênticos”. Por oposição, os relacionamentos virtuais – que, vale lembrar, orientam os relacionamentos “reais” pós-modernos – são “descartáveis”, “frágeis”, “superficiais” e “pouco autênticos”. Ainda a partir de sua ótica, os relacionamentos “reais” da modernidade eram cimentados por diferentes tipos de solidariedade que estão ausentes tanto nos relacionamentos virtuais quanto nos relacionamentos “reais” pós-modernos. Em suas próprias palavras:

“Diferentemente dos ‘relacionamentos reais’ [leia-se modernos], é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’. Em comparação com a ‘coisa autêntica’, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. (...) ‘Sempre se pode apertar a tecla de deletar.’”

(Bauman, 2003/2004, p. 13)

E Bauman adiciona outras características negativas aos relacionamentos virtuais e “reais” contemporâneos. Afirma que são “frenéticos e frívolos”, incapazes de gerar introspecção, como supostamente o faziam os relacionamentos “reais” do período moderno. Citando um colunista inglês, mistura diferentes meios de comunicação à distância – Internet, telefonia celular, serviços de texto – e diz:

“... por meio de ‘nossas conversas em chats, telefones celulares, serviços de textos 24 horas’, a introspecção é substituída por uma interação frenética e frívola que revela nossos segredos mais profundos juntamente com nossas listas de compras.”

(Bauman, 2003/2004, p. 52)

Outra característica que, no entender de Bauman, é importante nos relacionamentos virtuais e que, como as já mencionadas, é por ele generalizada de modo a abranger todos os outros tipos de relacionamento contemporâneos é a de que o contato é mais importante do que a mensagem. Ignorando, como será visto adiante, as características de uso das tecnologias às quais faz referência, Bauman argumenta que, numa rede, o que importa é o fluxo contínuo de mensagens e contatos e não seu conteúdo:

“... nos chats ... temos ‘camaradas’ que conversam conosco. Os camaradas,

como bem sabe qualquer viciado em chat,³ ... entram e saem do circuito...’. No relacionamento ‘camarada/camarada’, não são as mensagens em si, mas ... sua circulação que constitui a mensagem – não importa o conteúdo. (...) Se você interromper a conversa, está fora. O silêncio equivale à exclusão.”

(Bauman, 2004, p. 52)

Resumindo, para Bauman, relacionamentos virtuais são relacionamentos que têm vários atributos negativos se comparados aos relacionamentos “reais” de outrora. Servem de modelo para os relacionamentos “reais” dos dias de hoje e, por isso mesmo, tornam o mundo menos solidário, os relacionamentos mais superficiais, as pessoas mais solitárias e descartáveis.

OS IMPACTOS NEGATIVOS DA VISÃO DE BAUMAN

A visão de Bauman sobre os relacionamentos virtuais não é apenas uma reedição daquelas freqüentemente divulgadas nos primórdios da Internet (Nicolaci-da-Costa, 2002a) e ainda influentes nos dias de hoje.

É muito mais séria e tem efeitos muito mais graves por conta do seguinte conjunto de fatores: (a) ser uma visão recente e, portanto, não mais estar referida apenas aos primeiros impactos do uso de uma nova tecnologia; (b) ser uma visão que confunde as características de uso de diferentes tecnologias; (c) ser uma visão defendida por um intelectual do porte de Bauman; (d) ser uma visão que, apesar de proposta por um intelectual deste porte, ignora a ampla literatura já existente sobre os relacionamentos virtuais mediados por diferentes tipos de tecnologia; e, por último, (e) ser uma visão que, apesar de profundamente negativa e desprovida de fundamentação empírica, é adotada como modelo para todos os outros tipos de relacionamento contemporâneos.

No caso do Brasil, esses impactos negativos são ainda potencializados: (a) pelo pequeno volume de pesquisas nacionais sobre o uso das novas tecnologias; (b) pela importação de dados estrangeiros sem que se leve em conta que, mesmo em se tratando de tecnologias universais, seu uso está sempre inserido em um contexto sócio-cultural específico; e (c) por aquilo que Schwarcz (1978) chamou de “torticolo cultural”, que faz com que a produção internacional, principalmente aquela de um autor tão conhecido quanto Bauman, seja supervalorizada e assuma o status de verdade incontestável.

No que se segue, à guisa de combate à negatividade radical desta e de outras concepções de relacionamentos virtuais, serão apresentados dados de pesquisas internacionais e nacionais que oferecem uma visão alternativa dos diferentes tipos de contato

virtual gerados por diferentes tecnologias.

TECNOLOGIAS DE TELECOMUNICAÇÃO INTERATIVAS: SUAS CARACTERÍSTICAS DE USO E OS TIPOS DE RELACIONAMENTO QUE GERAM

É um equívoco pensar que as interações virtuais (aqui entendidas como quaisquer formas de interatividade à distância entre pessoas que se conhecem fisicamente ou não) são geradas exclusivamente pelas tecnologias digitais. Em suas formas assíncronas (aqueles nas quais há uma defasagem entre a emissão da mensagem e a recepção da resposta), essas interações à distância são pelo menos tão antigas quanto as trocas de cartas. Já em suas versões sincrônicas, ou em tempo “real” (nas quais os interlocutores interagem instantaneamente), as interações virtuais datam da popularização do telefone, popularização essa que, como mostra Fischer (1992), também foi objeto de muita controvérsia. A essas versões pré-digitais da interatividade virtual, no entanto, praticamente não há menção na literatura.

Por que, então, tantos se dedicam a tomar as interações virtuais geradas pelas tecnologias digitais como objeto de estudo e crítica? Como essas interações se diferenciam daquelas tornadas possíveis pelo telefone e entre si?

A resposta a esta última pergunta fornece as bases para a resposta à primeira. Para apresentá-la é necessário, contudo, retomar cronologicamente o aparecimento e a difusão dos três tipos de tecnologia de telecomunicação interativa em tempo real que são responsáveis pela maior parte das interações virtuais dos dias de hoje: a telefonia fixa, a Internet e a telefonia celular.

a) O TELEFONE FIXO

Inventado em 1876, o telefone fixo introduziu o primeiro tipo de comunicação virtual em tempo real mediado por uma tecnologia interativa: a comunicação à distância entre dois interlocutores conhecidos (ou indicados por conhecidos) por meio de contato de voz. Sua difusão inicial ficou restrita ao mundo dos negócios e durante esse período não gerou reações negativas (Fischer, 1992). Porque era caro e havia poucas linhas disponíveis, o telefone levou meio século para penetrar no âmbito doméstico (o que aconteceu já na década de 1920). Neste âmbito, passou a ser usado para fins de sociabilidade e manutenção de relacionamentos interpessoais e, então, passou a gerar controvérsias bastante semelhantes às aquelas que vimos discutindo neste artigo. Temia-se que seu uso tivesse consequências negativas, entre as quais destacavam-se possíveis rupturas na vida familiar e a redução do contato físico com amigos e conhecidos (Fischer, 1992).

Como o telefone há muito faz parte de nossas vidas, todos sabemos que ele não gerou problemas familiares nem tampouco diminuiu o contato físico com conhecidos. Simplesmente ampliou as possibilidades de comunicação entre interlocutores pertencentes a uma rede de sociabilidade já existente no mundo “real”. Não gerou a possibilidade de conhecer estranhos com os quais fosse possível desenvolver relacionamentos virtuais porque não gerou ambientes que possibilitassem esse tipo de encontro.

b) A INTERNET

A difusão da Internet, ocorrida em meados da década de 1990, foi turbulenta porque introduziu possibilidades antes impensáveis no já centenário contexto das telecomunicações via telefone. A interconexão em rede dos computadores mundiais e a sua rápida popularização geraram a possibilidade inédita de qualquer usuário conhecer tudo (isto é, ter acesso a qualquer tipo de informação) e interagir com todos (isto é, poder entrar em contato com qualquer outro usuário). Isso porque a lógica de rede, à qual Bauman (2003/2004) faz referência, reza que, numa rede, qualquer ponto tem o potencial de se conectar a qualquer outro.

Para que esse potencial pudesse ser concretizado, tudo (diferentes tipos de informação) e todos (os cidadãos do novo mundo interconectado) tinham, ao menos em princípio, que se tornar disponíveis para todos. A informação precisava somente ser apresentada online de forma mais ou menos permanente, o que era feito por meio dos diversos tipos de site informativo. Já as pessoas tinham que poder se encontrar e, para isso, foram criados ambientes coletivos próprios, como as salas de bate-papo, que reuniam inúmeros usuários e podiam ser freqüentadas por quem quer que assim o desejasse, independentemente de onde vivesse.

A criação desses ambientes de encontro coletivos foi o que realmente subverteu todos os parâmetros então vigentes de comunicação à distância, pois inaugurou uma era em que contatos interpessoais podiam ser travados virtualmente (geralmente por escrito). Enquanto que antes (na era do telefone) as interações virtuais eram restritas a uma rede de conhecimentos “reais” (ou seja, travados no mundo físico), o escopo das interações virtuais na Internet foi ampliado dramaticamente. Passou-se a poder interagir, individualmente ou em grupo (na medida em os novos ambientes permitiam a comunicação “muitos-muitos”, Lévy, 1997/1999), com conhecidos e desconhecidos geograficamente próximos ou distantes. Essa possibilidade imediatamente levou estranhos a identificarem afinidades comuns e, consequentemente, a estabelecerem relacionamentos virtuais nos quais essas afinidades

eram exploradas a médio ou longo prazo. Para tanto, as comunicações rapidamente migravam do ambiente “muitos-muitos” para ambientes “um-um” (como os ambientes privados das salas de bate-papo, ou das trocas de mensagem do ICQ, Messenger e outros programas semelhantes).

Movidos pela curiosidade de experimentar algo completamente novo, milhões de pessoas ao redor do mundo passaram a despender horas à frente de um computador, freqüentando os ambientes de encontros e construindo relacionamentos virtuais mais ou menos duradouros. A comoção foi grande. Não foram poucos aqueles que imediatamente se revoltaram contra esse novo uso do tempo e contra esses novos tipos de relacionamento (Young, 1998; Kraut et al, 1998; Greenfield, 1999) em relação aos quais desferiram acusações semelhantes àquelas feitas por Bauman (2003/2004) e discutidas anteriormente.

Uma década depois, no entanto, os resultados de inúmeras pesquisas internacionais e nacionais vêm mostrar que esses ambientes se tornaram espaços, análogos aos espaços “reais”, nos quais se desenvola o drama sempre real dos relacionamentos pessoais. Encontros, desencontros, paixões, decepções, revelações íntimas acobertadas pelo anonimato protetor dos apelidos (nicks), mentiras, intrigas, traições virtuais, solidariedade, indiferença, etc., todos os ingredientes da sociabilidade tradicional neles passaram a marcar presença. Inspecionemos brevemente alguns desses vários resultados.

Rheingold (1993) foi um dos primeiros a apontar que a nova capacidade de comunicação coletiva nos ambientes virtuais da Internet torna possíveis a interação, os relacionamentos, as amizades e a formação de laços comunitários entre estranhos. Na mesma linha, Schwartz (1996) e Katz, Rice e Aspden (2000) revelam o incremento gerado pelo uso da Internet na participação cívica e no engajamento político de seus usuários. Enquanto isso, Preece e Ghozati (2001) chamam a atenção para os altos níveis de empatia presentes nas comunidades virtuais.

Nicolaci-da-Costa (1998), Costa (2001) e Peris et al (2002) também mostram como os relacionamentos virtuais podem ser solidários, profundos e intensos. McKenna e Green (2002) apontam que a participação em grupos virtuais leva a fortes laços de amizade e companheirismo entre seus membros. Acrescentam que a exposição que os usuários desses grupos fazem das identidades virtuais que adotam acarreta um maior conhecimento de si próprios e dos outros. Nicolaci-da-Costa (1998) e Romão-Dias (2001) obtêm resultados análogos e enfatizam o quanto esse tipo de conhecimento íntimo tem como consequência relações marcadas pela profundidade.

Já Rogers (1997) e Nicolaci-da-Costa (1998),

entre muitos outros, exploram as relações amorosas à distância iniciadas nos ambientes virtuais. Segundo eles, essas relações são tão fortes e duradouras a ponto de gerar casamentos reais. Nem tudo são flores, contudo. Maheu e Subotnik (2001) afirmam que infidelidades virtuais também são fortes o suficiente para romper relacionamentos reais; Gonçalves (2000) registra o fato de que amores virtuais sempre existiram e de que estes, tal como os reais, têm seus aspectos positivos e negativos.

Um outro resultado é freqüentemente apontado por diversos pesquisadores: o de que os relacionamentos virtuais são um complemento para os “reais” e não um substituto para estes (Nicolaci-da-Costa, 1998; Romão-Dias, 2001; Peris et al, 2002; Suler, 2005). Talvez por isso mesmo, um movimento que pode ser observado desde o início da difusão da Internet e que hoje ganha maiores proporções é o da transformação de relacionamentos virtuais duradouros em relacionamentos reais (Katz, Rice e Apsden, 2000; Civilletti e Pereira, 2002), dos quais aqueles dos casamentos citados acima são apenas um exemplo.

Em resumo, em nítido contraste com o que era alardeado nos primeiros momentos de sua difusão e também com as posições recentes de autores como Bauman (2003/2004), esse conjunto de resultados mostra que há muito de positivo nos relacionamentos virtuais. Revela, ainda, que os relacionamentos virtuais não tendem a substituir os reais, mas, sim, a complementá-los.

c) OS CELULARES

Como acaba de ser discutido, relacionamentos virtuais são um aprofundamento duradouro das afinidades e empaticas identificadas nas interações virtuais travadas entre desconhecidos nos ambientes coletivos de encontro virtual da Internet.

Muitos (Virilio, 1984/1999; Birman, 1997; Sennett, 1998/1999), porém, não se dão conta disso. O mesmo acontece com Bauman. Na pressa de atacar um tipo de relacionamento que consideram extremamente nocivo e cujo potencial de destruição dos relacionamentos reais superestimam, incluem na categoria de “relacionamento virtual” todas as formas de interação virtual que acontecem tanto na Internet quanto na telefonia celular. E há uma razão concreta para tanto: ao olharem exclusivamente para as tecnologias que estão por trás da Internet e da telefonia celular, eles concluem que, como são tecnologias de rede, todas são usadas dentro da lógica de rede.

Nada, no entanto, poderia estar mais distante do uso que de fato é feito dos celulares. À exceção do Japão, país no qual o quadro é mais complexo porque os celulares são utilizados como a principal plataforma de acesso à Internet (Gottlieb e Mclelland,

2003; Ito e Okabe, 2003), a literatura especializada não deixa dúvidas a esse respeito.

Kim (2002), por exemplo, explicita claramente que, em geral, os celulares são percebidos como um desenvolvimento do telefone fixo que dá mais mobilidade a este e a seus usuários. A percepção de que os celulares são um desenvolvimento do telefone fixo também é registrada por Gournay (2002). De acordo com esta última autora, isso se deve ao fato de que, na telefonia celular, tal como na telefonia fixa, as interações se dão dentro do modelo “um-um”, ou seja, são intransitivas, fragmentárias e não formam uma rede. E mais, estudos realizados em diversas partes do mundo, inclusive no Japão (Ito e Okabe, 2003), tornam evidente que os celulares são maciçamente utilizados para interações (de voz ou texto) entre pessoas que se conhecem fisicamente. Vejamos.

Segundo Puro (2002), que trabalhou com jovens finlandeses, os celulares são utilizados para chamadas breves, mas constantes, entre membros do círculo de amigos e conhecidos. Puro conclui que essas freqüentes interações virtuais auxiliam na manutenção dos relacionamentos já existentes no mundo real e tendem a intensificá-los. Em pesquisas levadas a cabo na Noruega, Ling e Yttri (2002) e Ling (2004) obtiveram resultados muito semelhantes, a partir dos quais afirmam que, entre jovens, uma mensagem é uma confirmação de pertencimento a um grupo (cuja existência é real). Resultados análogos, desta vez originados no Brasil, foram recentemente apresentados por Nicolaci-da-Costa (2004). Esta revela que a maior parte das chamadas entre os jovens por ela entrevistados era feita entre os membros de um círculo restrito de amigos e familiares, o que levava à solidificação e intensificação de seus relacionamentos. Gergen (2002) chega à mesma conclusão: afirma que os celulares são um importante instrumento para o fortalecimento das relações entre pessoas próximas, tal como familiares, namorados, amigos íntimos, etc.

Para completar esta breve argumentação de que o uso que é feito dos celulares não leva à geração de relações virtuais nem tampouco distancia as pessoas, é útil mencionar que Fortunati (2002) e Kim (2002), a partir de sua inserção em contextos tão distintos quanto o italiano e o coreano, apontam o celular como um importante facilitador de encontros sociais (físicos, entre pessoas que se conhecem) em culturas nas quais o planejamento da vida social é mal visto, pois a expectativa é de que aconteça espontaneamente.

SEPARANDO O JOIO DO TRIGO

A revisão da literatura que acaba de ser feita é contundente: mostra que diferentes tecnologias de telecomunicação interativas tornam possíveis diferen-

tes tipos de contato interpessoal à distância em tempo real.

A telefonia fixa e a telefonia celular facultam diversos tipos de interação virtual que mantêm e muitas vezes intensificam relacionamentos reais. Já a Internet gera possibilidades diferentes. Em primeiro lugar, permite a ocorrência de interações virtuais passageiras entre desconhecidos que freqüentam os ambientes de encontro nos quais (tal como em lugares de encontro “reais”) muitos podem interagir com muitos em busca de afinidades que possam transformar essas interações passageiras em relacionamentos. Os relacionamentos virtuais, portanto, podem ser definidos como o desenvolvimento a médio e longo prazo dessas afinidades estabelecidas online (sendo potencialmente tão duradouros quanto qualquer relacionamento “real”).

Todos esses resultados e análises indicam que a grande celeuma em torno dos relacionamentos virtuais não passa de um equívoco, muito provavelmente gerado pela mitologia de destruição (Castells, 2000/2003) dos primórdios da Internet. O medo despertado por essa nova tecnologia e o desconhecimento de como os usuários de fato se relacionam por meio dela resultaram em muita confusão. Minimamente, fizeram com que as interações virtuais passageiras (que correspondem àquelas interações, igualmente passageiras, características dos primeiros contatos entre desconhecidos no mundo físico) fossem vistas como relacionamentos frágeis, pouco autênticos, descartáveis, etc. Em sua vertente mais radical, aquela de Bauman (2003/2004), esse mesmo medo (agora deslocado porque tardio) e esse mesmo desconhecimento (agora injustificado em vista dos inúmeros dados de pesquisa existentes) levaram a um equívoco ainda maior: a generalização das características das interações virtuais passageiras (por ele encaradas como relacionamentos) para todos os relacionamentos virtuais ou reais da contemporaneidade.

Espera-se que o presente trabalho ajude a separar o joio do trigo.

NOTAS

¹ A diferença entre as datas da publicação original e aquela que foi usada como referência é importante para a argumentação levada a cabo no artigo e será sinalizada sempre que necessária.

² Em Amor líquido, Bauman mantém a oposição moderno/ pós-moderno, que é marca registrada de seu trabalho.

³ Bauman adota sem restrições um dos conceitos mais controvertidos dos primeiros tempos da Internet, tempos nos quais o uso intensivo de computadores para fins de sociabilidade era freqüentemente visto como uma forma de patologia (Nicolaci-da-Costa 2002a).

REFERÊNCIAS

- Bauman, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1998. (Trabalho original publicado em 1997)
- Bauman, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (Trabalho original publicado em 2000)
- Bauman, Zygmunt. Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. (Trabalho original publicado em 2003)
- Birman, Joel. Entre o gozo cibernetico e a intensidade ainda possível: sobre Denise está chamando, de Hal Salter. In : Birman, Joel. Estilo e modernidade em psicanálise. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997, p. 221-233.
- Castells, Manuel. A sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000. (Trabalho original publicado em 1996)
- Castells, Manuel. Internet e sociedade em rede. In MORAES, Dênis de (Org.). Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 255-287. (Trabalho original publicado em 2000)
- Civiletti, Maria Vittoria P.; PEREIRA, Ray. Pulsações contemporâneas do desejo: paixão e libido nas salas de bate-papo virtual. Psicologia: Ciência e Profissão, ano 22, nº 1, 2002, p. 38-49.
- Costa, Ana Cláudia A. IRC: uma nova alternativa para as relações entre as pessoas. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- de Gournay, Chantal. Pretense of intimacy in France. In: Katz James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 193-205.
- Fischer, Claude S. America calling: A social history of the telephone to 1940. Berkeley: University of California Press, 1992.
- Fortunati, Leopoldina. Italy: stereotypes, true and false. In: Katz James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 42-62.
- Gergen, Kenneth J. The challenge of absent presence. In: Katz James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 227-241.
- Gonçalves, Márcio S. O amor no ciberespaço. Ciência Hoje, ano 28, nº 163, 2000, p. 18-24.
- Gottlieb, Nanette.; Mclelland, Mark. The Internet in Japan. In: Gottlieb, Nanette (Orgs.). Japanese cybercultures. Londres: Routledge, 2003, p. 1-16.
- Greenfield, David. Virtual addiction: help for netheads, cyberfreaks, and those who love them. New York: New Harbinger Publications, 1999.
- Ito, Mizuko; Okabe, Daisuke. Mobile phones, Japanese youth and the re-placement of social contact. 2003. Disponível em <<http://www.itofisher.com/PEOPLE/mito/mobileyouth.pdf>>. Acesso em 11 dez. 2003.
- Katz, James E.; Rice, Ronald E.; Aspden, Philip. The Internet, 1995-2000: access, civic involvement, and social interaction. 2000. Disponível em <<http://www.scils.rutgers.edu/~jimkatz/Syntopia/syntopia.htm>>. Acesso em 17 mai. 2005.
- Kim, Shin D. Korea: personal meanings. In: Katz James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 63-79.
- Kraut, Robert; Lundmark, Vicki.; Patterson, Michael.; Kiesler, Sara.; Mukopadhyay, Tridas.; Scherlis, William. The Internet paradox. A social technology that reduces social involvement and psychological well-being? American Psychologist, ano 53, nº 9, 1998, p. 1017-1031.
- Lévy, Pierre. As tecnologias da inteligência: O futuro do pensamento da era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Trabalho original publicado em 1990)
- Lévy, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. (Trabalho original publicado em 1997).
- Ling, Richard; Yttri, Birgitte. Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In: KATZ James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 139-169.

- Ling, Richard. *The mobile connection: The cell phone's impact on society*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2004.
- Maheu, Marlene M.; Subotnik, Rona B. *Infidelity on the Internet: Virtual relationships and real betrayal*. New York: Sourcebooks, 2001.
- Mckenna, Katelyn Y. A.; Green, Amie S. *Virtual group dynamics*. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, ano 6, nº 1, 2002, p. 116-127
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. *Na malha da Rede: Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. *Internet: a negatividade do discurso da mídia versus a positividade da experiência pessoal. À qual dar crédito?* *Estudos de Psicologia* (UFRN), ano 7, nº 1, 2002a, p. 25-35.
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. *Revolução tecnológicas e transformações subjetivas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, ano 18, nº 2, 2002b, p. 193-202.
- Nicolaci-da-Costa, Ana Maria. *Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, ano 20, nº 2, 2004, p. 165-174.
- Peris, Rosa; Gimeno, Miguel A.; Pinazo, Daniel.; Ortet, Generós; Carrero, Virginia; Sanchiz, María.; Ibanez, Ignacio. *Online chat rooms: Virtual spaces of interaction for socially oriented people*. *Cyberpsychology & Behavior*, ano 5, nº 1, 2002, p. 43-51.
- Preece, Jennifer; Ghozati, Kambiz. *Experiencing empathy online*. In: RICE, Ronald, E.; KATZ, James E. (Orgs.). *The Internet and health communication*. Thousand Oaks: Sage, 2001, p. 237-260.
- Puro, Jukka-Pekka. *Finland: a mobile culture*. In: KATZ James E.; Aakhus, Mark (Orgs.). *Perpetual contact: Mobile communication, private talk, public performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 19-29.
- Rheingold, Howard. *The virtual community: Homesteading on the electronic frontier*. 1993. Disponível em <<http://www.well.com/user/hlr/vcbook/>>. Acesso em 12 abr. 2002.
- Rogers, Richard. M. *Looking for love on line: How to meet women using an online service*. New York: Arco Pub, 1997.
- Romão-Dias, Daniela. *Nossa plural realidade: Um estudo sobre a subjetividade na era da Internet*. 2001. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ
- Schwarcz, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1978.
- Schwartz, Ed. *NetActivism: How citizens use the Internet*. Sebastopol, CA: O'Reilly, 1996.
- Sennett, Richard. *A corrosão do caráter: Consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999. (Trabalho original publicado em 1998).
- Suler, John. *The psychology of cyberspace relationships*. 2005. Disponível em <<http://www.enotalone.com/article/3209.html>>. Acesso em 17 mai. 2005
- Virilio, P. *Espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999. (Trabalho original publicado em 1984).
- Young, Kimberly. *Caught in the Net: How to recognize the signs of the Internet addiction*. New York: John Wiley & Sons, 1998.
- Endereço para correspondência
Departamento de Psicologia
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea
22543-900 Rio de Janeiro – RJ
Tel. (21) 3114-1183 / 3114-1185
FAX (21) 3114-1187
E-mail: anicol@psi.puc-rio.br*
- AGRADECIMENTOS**
Agradeço o apoio dado pelo CNPq, sob a forma de bolsa de produtividade em pesquisa. Agradeço, também, as leituras cuidadosas das versões iniciais deste artigo feitas por Carla Faria Leitão e Daniela Romão-Dias.
- Ana Maria Nicolaci-da-Costa**
**Sociabilidade virtual:
separando o joio do trigo**
Recebido: 13/06/2005
1º Revisão: 24/08/2005
Aceite Final: 04/10/2005